

UM EXERCÍCIO HILARIANTE E IMAGINATIVO PARA QUEM QUER IR LONGE NAS LETRAS

Mário Beja Santos¹, beja.santos@dg.consumidor.pt

Há muitos manuais (para já não falar em cursos da mais variada duração) que ensinam as melhores regras da escrita criativa, pois sabe-se que escrever bem pode ser uma vocação que, como qualquer outra, tem que ser constantemente aperfeiçoada. O que não havia até agora era um documento de referência, divertido e provocatório, que ensinasse os interessados a “aprender como não escrever”, usando com talento e mordacidade autênticos sinais de trânsito para que os interessados não cometam deslizes fatais a urdir a intriga, a cinzelar as personagens, chamando a atenção para aquilo a que se define como estilo e que tem regras inatacáveis.



Dois autores, com provas credenciadas em actividades como agências literárias no exercício de funções editoriais e na crítica literária, prepararam um documento espantoso para que ninguém se perca nos caminhos da escrita: “*Como não escrever um romance*”, por Howard Mittelmarck e Sandra Newman (Pergaminho, 2012). Avisam-nos à partida o que os levou a este cometimento: «Não temos a pretensão de vos instruir como devem escrever o vosso romance, nem que tema devem escrever. Limitamo-nos a referir o que qualquer editor vos diria se não estivesse demasiado ocupado a rejeitar os vossos romances. Deveriam ser eles a apontar pessoalmente os erros em que

¹ Técnico Superior da *Direcção-Geral do Consumidor*, Professor do Ensino Superior, autor de livros e artigos nas áreas das políticas de consumidores e qualidade de vida.

desde logo reparam, porque com eles se confrontam repetidamente nos romances que não compram. Não apresentamos regras, oferecemos reflexões. Não nos vejam como polícias de trânsito, antes como o vosso sistema de navegação integrado».

A verdade é que a missão do escritor é impelir o leitor à vontade incessante de virar a página do livro. Se ele se aborrece connosco é porque o desiludimos, ele esperava outra coisa de nós. Se formos humildes, temos de saber onde falhámos para atalhar caminho. Antes que seja demasiadamente tarde.

Os autores estruturam o seu guia como um manual de auto ajuda para qualquer aspirante da escrita. Começando pela trama ou intriga, dizem com a maior lhanza: «Saber qual é o assunto e abordá-lo sem rodeios» é crucial, se queremos escrever centenas de páginas é mesmo para contar uma história, um criador tem que saber previamente que história é que quer contar. É desaconselhável um arranque demasiado lento, o autor embrulhar-se entre a paisagem e a narrativa, espalhando confusão ou a dar a sensação de que está preso ao que é irrelevante ou de que já se cansou de escrever. As mesmas observações podem incidir para a construção das personagens, ao descrevermos uma indumentária, um rosto, ao dar emoções à figura criada, ideias políticas, qualidades ou deméritos, atrapalhamos, maçamos, desapontamos. Quem lê, apercebe-se do excesso ou da pequenez da escrita. E pune logo. Se na profissão temos que saber elaborar um relatório, na ficção é fundamental conhecer as regras básicas para a construção das personagens.

O mesmo se dirá sobre o estilo. Implacavelmente, os autores recordam: «A forma mais rápida e definitiva de aniquilar o interesse que um editor possa ter por um livro é o estilo. Este é o equivalente literário de um veneno de acção rápida. Enquanto uma intriga enfadonha e personagens inexpressivas podem necessitar de várias parágrafos para destruir o interesse de um editor, uma voz monótona e incoerente pode levá-lo a fechar o livro ao cabo de uma única frase». E mesmo que enervem o candidato a escritor, segue-se um aviso solene: «A ficção é feita de linguagem e esta é feita de palavras. Desde sempre que os escritores valorizaram as palavras pela sua capacidade para comunicarem ideias aos leitores. Alguns, no entanto, parecem ignorar que isto

só resulta quando as duas partes acordam antecipadamente no significado das palavras. Não respeitar esta premissa é um convite ao fracasso. Não procure convencer o leitor com exhibições de vasto vocabulário, fuja dos efeitos retóricos, seja comedido no uso dos lugares-comuns. A mesma coisa com a construção de frases e parágrafos, não emagreça nem engorde a não ser em função da qualidade. É a mesma coisa com os advérbios, o seu uso desnecessário gera o barroquismo das personagens ou das situações. Não é a primeira nem a terceira pessoa que criam a proximidade entre o autor e o leitor, é a perspectiva e a voz, são o corpo e a alma, mas também a utilização correcta dos tempos verbais, a descrição dos cenários, por exemplo.

A mordacidade dos autores sobe de tom quando falam do mundo dos maus romances, apresentam estratégias básicas para tornar a ficção que queremos construir totalmente inabitável, maior provocação não pode haver: cenários que ninguém entende, explicações mal alinhavadas para a felicidade ou tristeza da personagem, falta de contextualização histórica, anacronismos linguísticos, a pretensão bacoca de armar em historiador e praticar... E convidam o escritor, em todas as circunstâncias, a trabalhar: «A forma mais útil e eficaz de estudar ambientes sociais consiste em frequentá-los durante algum tempo ou em imergir naquilo que os historiadores designam por fontes históricas primárias: livros, relatos e documentos produzidos por membros do grupo social em questão». Acresce que «o leitor paga para ser entretido, não para ser doutrinado». Quanto à construção do tema, também são cáusticos advertindo o perigo do autor usar matéria que não lhe pertence, ou viciar os dados do jogo ou não se aperceber de que está a impor uma ideia ou uma convicção. Por extensão, o tema articula-se com uma outra matéria delicada: os efeitos especiais e os truques, a carpintaria da montagem, até mesmo o uso do humor. E aqui vem uma advertência sobre o pós-modernismo: «Toda e qualquer referência consciente ao autor enquanto autor, ao romance enquanto romance, à escrita enquanto conjunto de pequenas manchas de tinta sobre papel, ou a tudo o que faça ressaltar a natureza artificiosa do romance ou da ficção. Deveria ser imediatamente evidente que todos estes aspectos prejudicam claramente o objectivo do escritor, que é escrever uma história em que o leitor acredite”.

Temos, por último, as derradeiras pazadas de cal para saber como não se vai vender um romance: mandar uma carta de apresentação idiota, elogiar-se pateticamente ou comparar-se com outros escritores, enviar uma sinopse que é um verdadeiro desastre para chamar a atenção do editor ou enviar um original que não respeite a formatação.

“*Como não escrever um romance*” é muito mais do que divertido, mordaz e didático do que parece; abre a todo o aprendiz da escrita as portas para não cair na tentação da facilidade literária, no voluntarismo ou na gabarolice. Quem quer saber escrever ou dedicar a vida à comunicação devia começar por este livro. E imediatamente.